

**CARTOGRAFIA SOCIAL COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA NO 7º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL: “SÃO SEBASTIÃO”
NA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
LAGO DO MÁXIMO PARINTINS-AM**

Vandrey Barbosa Farias¹

Profº Dr: José Camilo Ramos de Souza²

RESUMO

Os trabalhos voltados para os saberes tradicionais estão sendo analisadas nas Comunidades Ribeirinhas, bem como o reconhecimento dessas populações. Neste sentido, as possibilidades de reconhecimento das variadas “Realidades Vividas” nos “Territórios”, que possibilitou analisarmos acerca de recursos didáticos que podem ser trabalhados na sala de aula. Tendo como objetivo principal utilizara cartografia social como recurso didático para o ensino de geografia no 7º ano da Escola Municipal “São Sebastião” na Comunidade de Nossa Senhora do Rosário lago do Máximo, como forma de alternativa didática aos professores de geografia da referida comunidade. Tendo como procedimentos metodológicos as oficinas realizadas na escola com os alunos, onde os alunos construíram seu conhecimento coletivamente no seu espaço de relações vividas, com o professor que desenvolve o ensino de geografia na localidade, observa-se a falta de contextualização dos conteúdos de geografia na realidade dos alunos. Para tal, buscou-se a historicidade do local para compreendermos o desenvolvimento das relações sociais, políticas e econômicas da mesma. Logo os dados da pesquisa serão de suma importância para o ensino de geografia, na contextualização com a realidade do aluno. Ressaltando os desenhos desenvolvidos pelos alunos do 7º ano da referida escola, onde tiveram a possibilidade de trabalhar seu “Território” vivido, e nas entrevistas foi a comprovação de que eles possuem esses saberes coletivos na comunidade, e que servem de recurso didático para o ensino de geografia.

Palavras-Chave: Comunidade. Cartografia Social. Ensino de Geografia

¹Universidade do Estado do Amazonas - Graduando em Geografia-e-mail: vandreyfarias@hotmail.com

²Professor Doutor em Geografia do Colegiado de Geografia-Campus Parintins - e-mail: jcramosdesouza@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Ensino de geografia no contexto amazônico se volta para analisar uma dada realidade vivida, onde os atores sociais em muitos casos não possuem altas tecnologias e materiais didáticos em sala de aula, como é o caso da comunidade pesquisada.

As variadas experiências e vivências são colocadas como exemplos nas aulas de geografia, bem como as reproduções sociais, políticas e econômicas ressaltam as possibilidades de trabalhar os saberes da mesma. Esses saberes corroboram para dinamizar e refletir sobre o ensino de geografia.

Nossa proposta de utilizar a cartografia social como recurso didático numa “Escola Ribeirinha”, veio da percepção dos saberes socialmente produzido nessa comunidade que podem auxiliar o professor de geografia em sala de aula, pois, Sabe-se da dificuldade encontrada em ensinar os conceitos geográficos nesses locais.

Em muitas comunidades ainda não está os recursos utilizados pelos grandes centros urbanos, tais como; retroprojektor, livro didático, apoio na realização de trabalho de campo em geografia, e em casos específicos a comunidade não disponibiliza de infraestrutura adequada para o desenvolvimento das aulas.

Essas realidades estão inseridas em nosso meio rural e sendo trabalhadas por muitos professores urbanos, pois, por natureza a formação inicial dos professores de geografia, não leva em consideração a realidade das comunidades Amazônicas.

Fica notório que a “invisibilidade” dessas comunidades é construída pelos próprios moradores, e reproduzidas pelos professores na sala de aula todos os dias. Deve-se analisar até que ponto essa comunidade se organiza para defender seus conhecimentos socialmente produzidos.

Neste sentido, o objetivo geral dessa pesquisa foi Utilizar a cartografia social como recurso didático para o ensino de geografia no 7º ano da Escola Municipal “São Sebastião” na comunidade de nossa senhora do rosário lago do máximo, como forma de alternativa didática aos professores de geografia da referida comunidade.

Tendo como objetivos específicos analisar o lugar de aplicação da cartografia social e os conhecimentos vividos pelos alunos e professores, como também explicar em oficinas as bases teóricas e metodológicas da cartografia social aos professores da comunidade, levando os mesmo no entendimento dos conhecimentos coletivos na comunidade nas relações sociais.

Os procedimentos metodológicos foram observação e reflexão da comunidade em pesquisa, com aplicação de roteiro de campo para o levantamento histórico da mesma. Utilizando-se de entrevistas e diálogos com os comunitários.

Para a realização do levantamento de dados empíricos aplicou-se duas oficinas na comunidade, uma leva-se em consideração os conceitos acerca do que viria ser “Comunidade”, “Território” e “Territorialidade” com os professores.

Na segunda oficina realizou-se juntamente com os alunos uma noção de desenhos da realidade, onde os professores da escola colaboraram para as reflexões com os alunos. Nessa oficina percebeu-se que os alunos não possuem conceitos geográficos formados ainda da categoria geográfica “Território”, levando em consideração os desenhos realizados pelos mesmos.

O método que norteou a pesquisa foi à concepção do materialismo-histórico e dialético, que leva em consideração a historicidade e as construções socioculturais de uma dada população e compreende como o presente foi organizado para as reproduções de vidas.

Ressaltando a importância do trabalho coletivo para a realização das oficinas pelos alunos, sendo todo momento levantado os questionamentos para os mesmos responderem, e após se autocartografar na realidade vivida por eles.

O trabalho está assim dividido: No primeiro momento faz-se uma análise da comunidade e a cartografia social, bem como analisa as particularidades dos mapas realizadas por essas populações utilizando os saberes locais, uma breve reflexão acerca da formação da comunidade Nossa Senhora do Rosário Lago do Máximo com seus atores sociais, denominado “Comunidade Tradicional e a Cartografia Social”. No segundo Momento analisa-se o ensino de geografia e suas implicações no contexto comunitário, com transcrição da entrevista do “Presidente” e hoje líder da Pastoral da criança, e análise do desenho realizado coletivamente pelos alunos. No terceiro momento apresentam-se os resultados alcançados durante as oficinas desenvolvidas na escola, aos professores e alunos.

O ensino de geografia e as possibilidades vivenciadas pelos professores e alunos são subsídios, para utilizarmos a cartografia social como recurso didático em comunidades tradicionais. Cavalcanti (2007); Castro (2006); Camargo (2008); e Hobsbawm (2012).

2 COMUNIDADE TRADICIONAL E A CARTOGRAFIA SOCIAL

O projeto da Nova Cartografia Social já vem trabalhando no sentido de desenvolver os processos de mapeamento com as comunidades Tradicionais, sejam elas ribeirinhas de “Várzea” e “Terra Firme”. Para a autcartografia dos conhecimentos socialmente produzidos por essas populações ao longo de sua atuação no “Território”. Adams (2006) sociedades que possuem muitos saberes construídos no seu fazer diário em comunidade, sendo apoiado em Bittencourt (2001) que analisa a formação da cidade nas suas memórias construídas.

Onde se é produzido imagens e localizações de conflitos transpostos para um mapa, tudo concebido pelos próprios moradores das comunidades, sendo que esse material, posteriormente, a ser analisado pode vir a se tornar um instrumento político para a defesa e reconhecimento dos territórios.

Segundo Verdejo (2006) os mapas feitos em grupo servem para o planejamento, a discussão e a análise da informação na forma de imagem visualizada, permitem a participação de todos os membros da comunidade e constituem um dos instrumentos mais variáveis e comuns para um diagnóstico do estado da socialização de conhecimentos, neste sentido a realidade percebida é colocada as discussões para a construção do conhecimento.

Por meio da cartografia social é possível a identificação de ambientes distintos dentro de um mesmo espaço geográfico, e como os mesmos estão sendo utilizados nas aulas de geografia, pois, esses conhecimentos estão no cotidiano de professores e alunos em comunidades tradicionais.

Segundo Oliveira (2004) o campo hoje perpassa por transformações e conflitos diariamente, que possibilita uma contextualização nos conteúdos escolares desde os processos externos como internos, uma dada realidade que possa ser compreendida numa pesquisa social significa “organização dos conhecimentos”, ora não é construir algo novo para eles, e sim analisar e refletir como pode ser trabalhado em sala de aula.

Neste sentido, o professor de geografia pode utilizar o recurso oferecido na parte interna da comunidade, possibilitando a compreensão da realidade da mesma.

Segundo Pontuschka (2009) essa realidade deve ser ensinada em sala de aula aos alunos de geografia, ora como potencialidades desenvolvidas no “Estudo do Meio”,

ora como exemplificação da importância da geografia em conteúdos específicos trabalhados em sala de aula.

Nas concepções de Pontuschka (2009, p. 89) “Os professores, via de regra, são vistos como profissionais despreparados, sem capacidade de gerir autonomamente os próprios saberes”. A geografia é uma disciplina escolar que historicamente foi deixando de ser aquela voltada para a construção do conhecimento, para haver as “Reproduções do Conhecimento” em sala de aula.

Em nossa área de estudo no pretérito estivemos analisando e refletindo possibilidades de ensinar geografia, com os saberes locais levando em consideração a falta de contextualização dos conteúdos com a vida dos alunos.

Fazer uma espécie de contextualização numa comunidade amazônica é deixar a visibilidade dos atores sociais, envolvidos no processo de ensino-aprendizagem adentrar as salas de aula, parece tudo muito fácil trabalhar dessa forma na comunidade.

Os próprios moradores da localidade podem servir de auxílio ao professor (A) no ensino de geografia, pois, possuem as experiências de vivência no local. Essas vivências são repassadas de geração em geração e as possibilidades de ensinar geografia na comunidade.

2.1 ÁREA DE ESTUDO E AS POSSIBILIDADES DE ENSINAR GEOGRAFIA

Segundo os moradores da referida comunidade, Nossa Senhora do Rosário veio sendo construída por famílias específicas, onde pode-se citar as famílias “*Farias*” e “*Souza*” que corroboraram para a fundação e desenvolvimento da comunidade até os dias atuais.

Na atualidade a distribuição dos elementos estruturais da comunidade está da seguinte forma (Igreja, Centro Comunitário, Bar e Restaurante, Campo de Futebol e duas salas que servem de Biblioteca para estudos em grupo, sendo manuseada para coordenadora para a secretaria).

Compreende-se que a formação de Nossa Senhora do Rosário no pretérito a coletividade era a “Força”, sendo vista até hoje nas construções que servem para funcionamento da Escola, pois, cada membro tem a responsabilidade de ensinar seus filhos na conservação do mesmo.

Pode-se analisar que estamos numa primeira possibilidade de ensinar geografia nessa comunidade, onde na realidade os alunos convivem com esses conceitos diários na escola, e de certa forma eles não são compreendidos pelo professor (A).

Para esclarecer um pouco do processo histórico do surgimento dessas potencialidades, presentes para ensinar geografia levando em consideração às palavras de um dos fundadores vivos até hoje da comunidade, o senhor (A. O. F, SIC).

“É é é a comunidade do máximo foi fundada pela família “Farias” e “Souza” foram elas que chegaram nesse local primeiro, e eu avó dos representantes que dirigem a comunidade, posso dizer que a comunidade foi organizada pela igreja católica que organiza aqui esse beiradão depois das famílias fazerem suas casas, e o máximo nome dado devido uma pessoa que muro aqui, eu posso afirmar estou com 78 anos é o máximo já era fundado, e afirmo sem medo de errar e uma comunidade pra lá de 100 anos, eu ajudei com meu pai muito criança afundar essa comunidade e olhando meu pai fazer as atividades, pesca, agricultura, tenho muito claro na minha memória como está dividida a comunidade, e meus filhos também podem representar isso no desenho, pois, aprenderam na prática todos os elementos de nossa comunidade, como eu falo nas reuniões temos que trazer os filhos formados para trabalhar na comunidade, pois, precisamos resgatar nossa história para nossos filhos, a escola ensina eles irem embora daqui e fica muito chato chato para qualquer presidente trabalhar com pessoas que vem so ganhar, e como explicou os recursos para ensinar geografia está aqui com nós . (A. O. F).

Levando em consideração que o comunitário mencionou anteriormente sobre a comunidade pesquisada, as inter-relações sociais são constantes entre todos os atores sociais presentes no espaço geográfico, cada um com uma finalidade específica.

Criando assim conflitos internos na comunidade com a chegada de migrantes de outros Estados, devido não respeitarem as leis estabelecidas de convívio na localidade.

A comunidade se localiza numa estrutura muito antiga ainda em organizações de vivências passadas, como é o caso da Escola que funciona no prédio da diocese, fazendo uma relação com a cartografia social que seu uso é coletivo ora estando no “Coletivo” ora “Individualismo”.

Na **figura (1, 2)** está sendo analisadas as potencialidades para ensinar geografia, onde o primeiro elemento que podemos trabalhar é a distribuição dessa comunidade nos desenhos dos alunos. Para Pontuschka (2009, p. 292) “Os desenhos, cartas mentais, croquis, maquetes, plantas e mapas podem ser englobados entre os textos gráficos, plásticos e cartográficos trabalhados no ensino e nas pesquisas geográficas”.

Neste sentido, trabalhar com as concepções que os atores sociais possuem de sua realidade, é viver sua particularidade diária.

Segundo a professora de geografia da comunidade que não é específica da área de formação, a comunidade de nossa senhora do rosário está representada de variadas maneiras pelos alunos na atualidade, quando trabalha os conteúdos de geografia. Ela menciona o ensino de geografia nas práticas de campo realizadas há meses pretéritos, e explica suas dificuldades de contextualizar com a realidade dos alunos.

Sou professora de geografia da comunidade a quatro anos, e quando cheguei encontrei uma dificuldade por não ser da área e noutra a falta de recurso didático para as aulas de geografia, e também o prédio da escola que não tem como pode ver, logo nosso trabalho fica dificultado e em muitas casos desestimula o professor a trabalhar com formas dinâmicas e contextualizando a realidade dos alunos, e quando o grupo da cartografia social veio na comunidade é o professor camilo explicou levando em consideração a vivencia dos comunitários, passei a ler um pouco da cartografia social e como era desenvolvida, pois, você sabe que quando estamos falando de comunidade há muitas desconfianças, por que eles trem medo da sua própria história, e a categoria território como sabe-se passa por variadas concepções e uma delas e as relações construídas no mesmo, e passei a levar meus alunos as reflexões, e eles colocaram pontos da comunidade que são os elementos culturais para eles, de primeiro é igreja onde a comunidade é organizada as leis religiosas, depois o prédio da escola que é o centro comunitário, e dialogar em sua pesquisa é a comprovação que a geografia não é ensinada na sala de aula somente, e sim podemos buscar a dinâmica em nossa própria realidade. (M. D. C. 39 anos, SIC).



FIGURA 1, 2: Comunidade Nossa Senhora do Rosário.
FONTE: Vandrey Farias, Pesquisa (TCC-2014).



FIGURA 03: Desenho realizado coletivamente pelos alunos do 7º ano.
FONTE: Alunos da Escola Municipal São Sebastião Lago do Máximo.

O desenho realizado pelos alunos da Escola “Municipal São Sebastião” foi elaborado coletivamente, no qual os mesmos ressaltam sua percepção sobre o lugar de origem e suas relações com os termos analisados na oficina tais como; (Comunidade, Território, Limite Territorial).

Os limites que os alunos colocaram no desenho são justamente os roçados de seus pais, e muitos deles sua própria casa como está demonstrado na figura (2). Pode-se ver a estrutura da distribuição socioespacial que possuem do chamado “Centro Comunitário”³.

Segundo Pontuschka (2009) quando o aluno desenha sua realidade descobre um novo olhar sobre a mesma, causa impacto nessa descoberta ao aluno, pois, pelo fato do ensino de geografia ser tratado como uma repetição diária na sala de aula pelos professores e alunos, agora ele pode construir seu conhecimento. Neste sentido, Pontuschka (2009, p. 173 e 174) ressalta que:

O processo de descoberta diante de um meio qualquer, seja urbano, seja rural, pode aguçar a reflexão do aluno para produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos. Ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou outra, fora de seu espaço de vivência. Pode suscitar

³“Centro Comunitário” local onde se estabelece as relações de organização da comunidade (Igreja, Escola, Campo de futebol).

interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou de que se ouve.

Na escola São Sebastião os professores de todas as áreas do conhecimento são filhos desta comunidade, que nos mostrou as descobertas que Pontuschka analisa de forma dinâmica e interativa entre a realidade e novos conhecimentos. Muitos desses professores tiveram contato com a formação do professor-pesquisador, e desenvolvem projetos de intervenção junto com os alunos.

Atualmente a escola é reforçada com os monitores específicos de cada área escolar, bem como auxílio aos professores na superação do ensino que no pretérito era desenvolvido. Essa superação está sendo pelo “Estudo do Meio” que coloca o aluno de frente com sua realidade, aos sábados todos os professores e monitores desenvolvem visitas em pontos da comunidade, bem como realizam palestra e oficinas de construção do material didático.

Nesta compreensão de ensino Pontuschka (2009, p. 175) “O estudo do meio, como método que pressupõe o diálogo, a formação de um trabalho coletivo e o professor como pesquisador de sua prática, de seu espaço, de sua história, da vida de sua gente, de seus alunos”.

Escola São Sebastião do Lago do Máximo atende atualmente as séries finais do ensino fundamental e Médio por mediação tecnológica. Com cinco salas de aulas como está sendo apresentado na figura anterior, pela colaboração dos pais dos alunos que realizam promoções para manter os prédios em funcionamento.

Tudo isso corrobora para o ensino de geografia aos alunos da comunidade fazendo relação com os conteúdos escolares, pois, desde a construção até a organização de deixar sempre renovada para outros anos, é feito coletivamente pelos comunitários.

3 ENSINO DE GEOGRAFIA E SABERES TRADICIONAIS COLETIVOS

Na comunidade Nossa Senhora do Rosário do Lago do Máximo⁴, os conhecimentos são repassados de geração em geração, sendo ensinados pelos adolescentes, jovens e adultos, pois, cada ator social desenvolve uma atividade específica na comunidade. Witkoski (2010) analisa como uma adaptação ao meio vivido

⁴Comunidade Nossa Senhora do Rosário Lago do Máximo nome de um dos fundadores que lutou para o desenvolvimento da mesma, se chamava “Máximo” e Nossa Senhora devido no processo de firmação no território a igreja exercer influência nas relações políticas, econômicas e sociais.

por essas populações nas suas práticas com a terra, água e floresta. Na escola percebem-se as adaptações ao meio vivido dessa população, pois, as aulas de geografia são ensinadas em vários locais da comunidade, tais como; Barracão, Bar da Festa, etc.

Desde o pretérito o ensino de geografia era compartimentado em blocos de conceitos, por ter apenas duas séries multiseriadas em (1º, 2º) e (3º, 4º) para apenas um professor.

Essa realidade enfrentada pela Escola Municipal “São Sebastião” se transformou em lutas sociais, pelo ensino fundamental. Devido variados fatores que incentivavam a saída desses alunos para a cidade de Parintins, como analisa o senhor (J. S. F, 52 anos, SIC) dizendo que:

Primeiramente era muito difícil o ensino de geografia na comunidade em épocas passadas, pelo fato do professor não ser da área de formação tinha que trabalhar todas as disciplinas, e ainda acumulava as responsabilidades comunitárias que era de membro na igreja, e todas as atividades e assim nossos filhos aprendiam com nós nos roçados e lago, aos finais de semana em reuniões da comunidade eram observadores e com isso formavam sua identidade perante as famílias que moravam aqui, e hoje com a escola atendendo desde os ciclos, e fundamental é médio as disciplinas são trabalhadas de forma melhorada, e não temos que mandar nossos filhos para a cidade, pois, temos saberes e conhecimentos sendo ensinados todos os dias na comunidade e a cartografia social veio para nos ajudar a refletir sobre nossos conflitos e contradições aqui na comunidade, e como os professores podem utilizar para suas aulas, fico muito feliz em ver a evolução do ensino para nossos filhos, professores preparados para orientar em nível de cidade.

Neste sentido, pode-se dizer que os saberes afirmados pelo comunitário ainda estão presentes nas suas relações de convívio, que corroboram para se chegar às possibilidades de utilizarmos esses saberes como recurso didático.

4 CARTOGRAFIA SOCIAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA ESCOLA MUNICIPAL “SÃO SEBASTIÃO” LAGO DO MÁXIMO

As relações comunitárias são reproduções sociais que os atores sociais manifestam no “Território”. Essas relações de vivência podem ser utilizadas para o ensino de geografia, bem como servir de recurso didático no desenvolvimento das aulas de geografia.

O desenvolvimento das relações tradicionais na comunidade de “Nossa Senhora do Rosário”, veio de populações pretéritas que criaram todo um sistema

organizativo de reprodução na localidade, e nos dias atuais vivenciadas pelos alunos da Escola “Municipal São Sebastião do Lago do Máximo”.

As potencialidades oferecidas tanto do meio físico como social na comunidade servem de contextualização nas aulas, pois, o professor (A) começa a utilizar esses saberes tradicionais em suas explicações, como também demonstra a responsabilidade em romper o que está posto a ele (a).

Nesses pressupostos, apresenta-se o desenho realizado pelos alunos coletivamente, onde cada ator compreendeu as particularidades do Paraná do Máximo até a entrada principal. Para o aluno (E. D. S, 13 anos, SIC).

Para mim ter participado do desenho com meus coleguinhas foi muito bom, por que eu não pensava desenhar minha comunidade junto com meus coleguinhas, eu sei que meu pai fala de muitos e muitos anos como era o máximo e onde eu poderia achar os peixes, a terra para plantar mandioca, tudo eu poderia achar aqui na minha comunidade, meu pai me conta que a escola não tinha e ele não foi estudar por que não tinha aqui no máximo, e hoje ele fala para mim que as pessoas não são as mesmas, como agente vive aqui não é mas o mesmo, tudo mudou para pior ele fala, por que antes eles trabalhavam juntos no lago e no roçado dos seus companheiros, e hoje e tudo feito por pagamento até o nosso roçado e pago asa diários que eu ganho até militos para ir ajuda também, e como nas oficinas foi explicado e falado por nós aluno o máximo o nosso desenho está assim professor a entrada principal da comunidade que se chama paraná do máximo, e vem descendo prá cá até chegar no furo dessas dobras, eu moro na cabeceira do mauá, e meu pai fala que perto da beira do lago havia muitas árvores e hoje não existe mas, e nosso desenho professor vem mostrar que sei elaborar meu mapa mental de minha comunidade, como aprendemos na cartografia tudo é feito coletivamente em grupo nada pode ser feito individual, e nosso desenho é o aprendizado de nosso lugar que foi falado e nem nosso dia a dia aqui na comunidade, temos professor vandrey a casa do Josias por que e ele que defende o lago, e fala que não poder pescar no local, com malhadeiras pesadas, ai depois a professora trabalho com nós um conteúdo de geografia que falo sobre essas leis, e os monitores leva agente no local, e eu aprende que na cartografia social agora que isso também serve de conhecimento para nós, por que aqui temos vergonha de nossos pais de falar que são pescadores e agricultores e depois dessa aula professor não falo para ninguém se não dizer o que meu pai é, que nos aprendemos na oficina o que é esses conhecimentos, no desenho meu colega queria colocar nosso campo de futebol fica la dentro, mas eu coloquei as árvores e ele fico bravo, mas depois sentamos e decidimos colocar o campo da comunidade por que todos nós coleguinhas brincamos “TERRITÓRIO” .



FIGURA 04: Desenho realizado coletivamente pelos alunos do 7º ano.
FONTE: Alunos da Escola Municipal São Sebastião Lago do Máximo.

Os recursos didáticos para a turma do 7º ano da Escola Municipal “São Sebastião” estão dentro da própria comunidade, nas oficinas com os procedimentos de entrevistas e desenhos os atores sociais foram os seguintes; (um dos fundadores da comunidade, professora de geografia, ex-presidente).

Em relatos dos próprios atores sociais analisamos as possibilidades de ensinar geografia, bem como os procedimentos metodológicos da cartografia social como recurso para as referidas aulas de geografia.

Para a realização desta pesquisa deve-se mencionar a participação da escola municipal São Sebastião, e os líderes comunitários que são representantes de organizações dentro da comunidade, que notou-se as variadas inter-relações sociais, políticas e econômicas de como a escola desenvolveu as oficinas em nossas intervenções na coleta de dados.

O ensino de geografia deve ser desenvolvido em cada comunidade ribeirinha, levando em consideração os saberes produzidos por elas mesmas enquanto grupo social, bem como a construção do conhecimento estará ligado à vida dos professores e alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com os saberes socialmente construídos em comunidades rurais da Amazônia, é adentrar nas particularidades de variadas populações dos “Territórios” imbricados nesses conhecimentos. Essa imbricação do “ser” comunidade e “estar” na comunidade foi importante na compreensão das territorialidades do grupo social pesquisado.

Os grupos sociais de nosso Estado sofrem com os conflitos e contradições todos os dias, devido às lutas diárias pelas reproduções de suas atividades sociais, políticas e econômicas.

A comunidade de Nossa Senhora do Rosário do Lago do Máximo apresenta-se muitas potencialidades ao ensino de geografia, uma delas é o conceito de Território nas relações dos professores, alunos e comunitários. Em relações de pertencimento os atores que fazem o manuseio de todos os elementos físicos e sociais, foram analisados e compreendidos numa dialética constante.

Na pesquisa a cartografia social nos ajudou na compreensão da concepção que os alunos do 7º da Escola Municipal “São Sebastião”, têm de sua própria realidade vivida. Em resultados que comprovaram a existência de uma “invisibilidade” dessa população, frente aos beneficiamentos recebidos pela comunidade nos dias atuais. Deparou-se com uma particularidade que interfere no ensino-aprendizagem dos alunos.

A escola da comunidade funciona em prédios doados pela própria comunidade, sendo estes de construções coletivas como é o caso do centro “Comunitário”, “Bar”, e duas salas feitas com recurso dos comunitários. Buscou-se compreender os múltiplos territórios dentro de uma mesma comunidade, bem como analisar a cartografia social dos alunos na vida diária na comunidade.

Para tal, os resultados apontam que a cartografia social serviu de base teórica e metodológica ao ensino de geografia, e ressaltou algumas individualidades dentro do mesmo grupo social.

As dificuldades encontradas na pesquisa foram trabalhar os conceitos geográficos visto nas oficinas na comunidade, como forma de alternativas didáticas ao professor (A) da escola municipal São Sebastião do Lago do Máximo.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina, Ed; Murrieta, Rui, Ed; Neves, Walter, Ed. **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade.**/ editado por Cristina Adams, Rui Murrieta e Walter Neves. - São Paulo: Annablume, 2006.

BITTENCOURT, Antônio C.R. **Memórias do Município de Parintins:** estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e matéria. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

CAMARGO, Luís Henrique Ramos de. **A ruptura do meio ambiente:** conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção do meio ambiente: a geografia da complexidade. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CASTRO, Fábio de. **Economia familiar cabocla na várzea do médio-baixo Amazonas.** In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (orgs). **Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade.** São Paulo: Annablume, 2006.

CAVALCANTI, Clóvis (org.) **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas.** 3ª ed., São Paulo: Cortez; Recife: FUNDAJ, 2001, P. 179-192
CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da Territorialização camponesa na várzea da Amazônia. 2007. 274 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana- Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOBSBAWM, Eric J. **A invenção das tradições** / Eric Hobsbawm, Terence Ranger (org.); Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 2 ed. Paz e Terra, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O Campo no século XXI:** território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

PONTSUCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender geografia.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: Um guia prático.** Brasília: Secretaria da Agricultura Familiar – MDA. Gráfica da Ascar - Emater- RS, 2006. VENTURI, Luis Antônio Bittar. Recurso natural: a construção de um conceito. In: Revista GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 20, pp. 09 - 17, 2006.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos.** 3. ed. São Paulo: Edusp, 1988.

WITKOSKI, Antônio Carlos, **Terras, Floresta e Água de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais.** / Antônio Carlos Witkoski. 2ª Edição. –São Paulo: Annablume, 2010.